



Prof. Dr. Flaviano Batista do Nascimento

## **A ACTA SEMIOTICA ET LINGVISTICA entrevista o Prof. Dr. Flaviano Batista do Nascimento, da rede pública do Estado da Paraíba, semioticista e estudioso do Sistema Braille**

**ASEL: Prof. Dr. Flaviano Batista, gostaríamos que nos fizesse uma apresentação de sua experiência de vida.**

Nasci em Alagoa Grande, em 1984 e aos catorze anos e 11 meses, em agosto de 1999, tornei-me cego total, devido a uma acne, nascida ao lado esquerdo da boca, que provocou uma infecção grave no rosto, levando-me quase à morte. Eu era adolescente, logo, não entendia por que, inexplicavelmente, tinha sido conduzido às trevas, tendo aproveitado pouco a luz do sol e a imagem facial dos meus entes queridos.



(1) Maria das Dores Nascimento, Mãe do Prof Flaviano Nascimento;



(2) Maria José e a filha Sophia Brena, irmã do Prof Flaviano

Após a cegueira, já sabendo que voltar a enxergar o mundo seria questão de milagre, tomei conhecimento do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, ainda em Campina Grande, por médicos e psicólogos dignos da profissão, e comecei a planejar cedo vir para João Pessoa. Um mundo se me abria, mas, ao mesmo tempo, estremecia-me porque jamais soubera que haveria alguma possibilidade de um cego total estudar (ler e escrever), locomover-se sozinho, sem guia, como era pratica rotineira do cego antigo e, sobretudo, trabalhar. Mesmo duvidando de informações e orientações que eu e minha mãe recebêramos no HU, em Campina Grande e, no hospital municipal, em Alagoa Grande, em abril de 2000, viemos para João Pessoa, que me causou admiração a cada rua, a cada trânsito, a cada andada



Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICP)

em coletivo. Eu estava mais espantado que Julien chegando a Paris ou do que Ricardo descobrindo o Recife.

Quando cheguei ao ICP, relutei um pouco, desencorajando-me, a cada instante, de permanecer ali, de adotar aquele lugar como nova moradia. Mas, quando me deparei com cegos alegres, rindo por

um querer interior, sem ilusões e desilusões de cegos que ainda aspiravam ser videntes um dia, descobri-me completamente, vislumbrando uma centelha de esperança no meu viver. Tudo que senti, naquele momento, não sei como expressar agora, apenas lhe digo que “foi amor à primeira escutada”. Não precisei dizer “o abre-te sésamo de Ali Babá”, mas o ICP se me abriu como uma botija de ouro, um calabouço fúlgido que nenhum Ali ou Babá sonharia. O ICP foi e ainda é o caminho para a independência, o lugar onde o cego não temerá a exclusão social, já que sua formação dele sempre estará suscetível a adaptações.

Havia perdido a visão depois de grande, assim, tive que me adaptar ao mundo tátil: apreender o sistema Braille para reingressar na escola e aprender a viver como pessoa cega para participar das atividades que a instituição nos oferecia.

Depois de conscientizar-me de que a cegueira me acompanharia pelo resto da vida, pus-me a estudar, a escrever regularmente e a ler tudo que estava ao meu alcance. Tornei-me, por fim, frequentador assíduo da biblioteca, lendo coisas que nunca imaginara existir quando eu era vidente, nem em casa, nem na escola pública que havia frequentado.

Estava muito atrasado nos estudos e ainda não havia a EJA (Educação de Jovens e Adultos), passei, então, a planejar meu futuro escolar. Estudei a quinta série no colégio Gilberto Amado, em 2003, a sexta série na Escola Estadual Olivina Olívia, em 2004, e fiz, com intenção de antecipar o término do Ensino Fundamental, um supletivo, no final do mesmo ano. Em 2005, graças à professora de matemática do ICP, Rosália, consegui uma bolsa no HBE (Colégio Hipócrates do Bairro dos Estados) e, em 2007, concluí o Ensino Médio. Em maio de 2008, portanto, depois de ter sido aprovado no vestibular, estava matriculado no curso de Licenciatura em Letras, pondo termo ao que planejara adolescente na indelével biblioteca, entre livros e receios.

## ■ ASEL: Como foi seu ingresso e permanência na Universidade?

Como ainda não havia cotas para pessoas com necessidade especial em 2007, disputei uma vaga com os videntes (alunos de escola pública e de escola privada) por meio do antigo PSS (processo seletivo seriado), no qual fui habilitado a cursar Letras no 1º semestre de 2008. Quanto à seleção do curso, nunca me dispus a ilusões que me poderiam levar ao arrependimento certo, já que não possuía vocação para direito, medicina, psicologia, matemática etc., escolhi, entretanto, a área do conhecimento com a qual mais me identificava, a Língua Portuguesa.

Nem minha mãe nem qualquer outro ente familiar jamais manifestou desejo algum de me ver doutor, ou professor, ou advogado, todos apenas ansiavam para que me formasse, para que pudesse trabalhar como cidadão digno e honesto. Com o “gosto cabotino” da alegria, contrapondo-me ao verso bandeiriano, vejo agora que tomei a decisão correta quando optei pela literatura e pela gramática. Desde cedo, parece incrível, coloquei-me a par de minhas virtudes e de meus defeitos e limites e me pus a arrostar os estorvos que me depararia ao entrar em contato com a realidade: cego.

## ■ Quais as dificuldades que uma pessoa cega precisa enfrentar ao chegar a uma instituição pública?

Apesar de reconhecer que a UFPB (Universidade Federal da Paraíba) mudou bastante, como pretendo esclarecer no decorrer dessa conversa, em 2008 especificamente, foi muito difícil minha permanência lá, pois saía de um mundo aparentemente conhecido para outro totalmente desconhecido. Uma semana antes de ir para UFPB, com a ajuda da professora de locomoção do Instituto, Aninha, realizei duas vezes o seguinte percurso: ir e voltar da parada de ônibus para a coordenação de Letras. Isso, de certa forma, atinou-me para as dificuldades que enfrentaria a fim de conhecer a universidade. Desconhecia salas de aula, biblioteca, lanchonetes, pessoas e o RU. Eu era um cego entre projetos e burocracia.

Na primeira semana, estava eu sendo levado (ou guiado) pelos colegas de turma, de um lado para outro, sem tino, atento aos batentes, às curvas e ao cheiro da mata. Terminada a aula, seguia com algum companheiro diretamente até a parada, sem xerox do material, sem livro, pensando não haver apoio a um cego novato, intencionando suplantar a pedra de Drummond e decodificar as inscrições da Itaquiara do Ingá. Revoltava-me tudo aquilo, irritavam-me todas aquelas pessoas metidas a grandes ideias, a enormes dons. Com exceção da amiga Júlia Cauana, ninguém me orientava a nada, ninguém me deixava ciente do que fazer para se integrar ao ambiente universitário, tudo eram falsos entusiasmos, estranheza e curiosidade.

Após duas semanas, ainda tateando pela UFPB, conheci o NEDESP (Núcleo de Educação Especial), o que mudou, radicalmente, meu modo de pensar aquele lugar, antes não me sentia bem ali, eu percebia que os universitários se mostravam indiferentes a mim, contrariamente às pessoas das ruas, dos coletivos públicos. Talvez eu esteja sendo injusto, visto que nem todos os colegas tinham convivido com cegos, mas eu me sentia assim e ocultar a verdade é mentir para mim mesmo.

Com a descoberta do NEDESP, pude obter material em Braille, gravações de livros em fita e algumas digitalizações, ainda não usava computador, só o código tátil me auxiliava nos estudos. Mais tarde, com a criação do Comitê de Acessibilidade, decisão acertadíssima da UFPB, eu e os outros cegos recebemos um notebook e um gravador de voz para facilitar nossa inserção na sala de aula. Para resumir a história, o NEDESP foi para mim tão importante quanto o Instituto, ali encontrei profissionais capacitados, compreensíveis e dispostos a ajudarem cegos ou videntes.

O corpo docente da UFPB não estava preparado para ensinar a um cego, não por incompetência, pois ali encontrei verdadeiros mestres, mas por falta de experiência e conhecimento sobre a educação especial. Como eu, os professores não sabiam que existia o NEDESP, demonstrando preocupação comigo na hora de passar conteúdos e no dia de prova. Hoje a situação do cego melhorou bastante, sobretudo a partir do surgimento do aluno apoiador (mais um projeto da alçada do Comitê). Apesar de ter superado todas as dificuldades (problemas de locomoção, de acessibilidade e comunicação entre aluno cego e direção do centro), nem a UFPB, nem o corpo docente, nem o corpo discente havia sido instruído para lidar com alunos especiais. Há empecilhos ainda, mas nada que impeça o cego de completar sua educação superior.

### **Além do NEDESP, o Senhor participou de um núcleo de pesquisa. O que tem a nos dizer sobre o assunto?**

Tudo aconteceu inesperadamente, como disse, por ser cego, muitos professores não me achavam competente para ingressar na pesquisa científica, contudo, em 2010, conheci a professora de morfologia, na época, Maria de Fátima Barbosa de M. Batista, e minha vida se transformou, ela desde sempre me tratou como se deve tratar qualquer aluno, com atenção, respeito e franqueza, não apenas com curiosidade, preconceito e “elevação superior”.

No final do ano, houve uma seleção para participar do PIBIC. Na ocasião, após uma entrevista com a professora Fátima Batista, fomos escolhidos para o projeto eu e Thiago da Silva Almeida, meu amigo desde a graduação. Ficamos no PIBIC de 2011 até 2013, quando concluímos o curso de Letras. Minha pesquisa consistia em analisar folhetos de cordel à luz da semiótica de linha francesa (teoria desenvolvida por A. J. Greimas),

observando transformações, perdas ou ganhos que sucedem quando tais folhetos são transcodificados para o sistema Braille. Meu projeto de pesquisa se intitulava: *Cordel em Braille: procedimentos ideológicos da transcodificação*.

Rapidamente me integrei ao grupo de pesquisa sobre semiótica das culturas coordenado pela professora Fátima no PPLP (Programa de Pesquisa em Literatura Popular) onde assistia às aulas da Pós-Graduação que ela ministrava. É preciso dizer que o PPLP tem um acervo de folhetos (a cordelteca) que alimenta o trabalho de pesquisadores de vários lugares. Então, já consciente de que eu iria seguir estudando semiótica pelo resto da vida, porque sempre preferi literatura à linguística, desmontei a bengala e me pus a estudar os semioticistas franceses e brasileiros. Como já vinha estudando semiótica, cordel, sistema Braille comparado com o Código Linguístico, com a aquiescência da professora Fátima, para cursar o Mestrado, decidi por aprofundar os conhecimentos semióticos, a transcodificação e também por ler autores da linguística que eu pouco conhecia através de um projeto que se intitulava: *Cordel em Braille: procedimentos semióticos da transcodificação*.

Terminado o mestrado, após passar no processo seletivo, matriculei-me no doutorado, o que significou grande vitória para mim, que jamais imaginei sequer chegar à universidade, quanto mais doutorar-se em Letras. Eu não me dizia incapaz, mas sabia o quanto é difícil uma pessoa interiorana, cega e não habituada com atividades acadêmicas começar e concluir a educação superior. Eu estava perdido na UFPB, mas graças a Deus e à Nossa Senhora de Fátima achei a senda que me levou ao começo do saber.

**ASEL: O que o Senhor acha da política de inclusão e de acessibilidade?**

**Qual sua opinião sobre as cotas para a educação? O que o Senhor mudaria?**

No começo, quando começou a disseminar-se a “política de inclusão”, eu achava que era tudo conversa de educadores sem experiência da realidade, pois eles falavam sobre coisas que jamais eu vi acontecer, como **a inserção do cego total na educação básica e a capacidade dos professores para recebê-lo na sala de aula**. A verdade é que a inclusão completa não existe ainda, faltam estrutura nas escolas, formação e capacitação para os docentes e uma divulgação não política da vida da pessoa especial, a fim de fazer a população saber que há pessoas que perderam um dos sentidos humanos, mas que podem viver perfeitamente sem ver o mundo ou ouvir Beethoven ou um frevo sanfonado do mestre Sivuca. O cego não é diferente das outras pessoas, afinal é gente oriunda do mesmo pó, mas tem apenas uma limitação sensorial que o impede de apreender algumas características de determinado signo. Agora, concordando ou discordando da inclusão, ela só é necessária, desde que não se acabem as instituições de educação especial; desde que o aluno especial seja acompanhado por professores capacitados; desde que não haja discriminação, o respeito

é essencial para a boa educação; desde que o tom de voz adotado seja igual para todos os alunos, o abrandamento da linguagem, às vezes, oculta um preconceito e uma camuflagem indigna de um professor de excelência.

**ASEL : O senhor conhece o Sistema Braille e já publicou um livro sobre o assunto. Poderia nos falar sobre isso?**



Prof Flávio lendo um livro em Braille e ao lado o livro que publicou no PPGL

Ao concluir o mestrado, houve uma seleção no PPGL, na qual escolheram minha dissertação para ser publicada. Fiquei honradíssimo, nunca havia publicado nada, para descontrair um pouco, só havia publicado pensamentos soltos no Facebook. O título do livro é *Cordel em Braille: procedimentos semióticos da transcodificação*, o mesmo nome da dissertação. A publicação foi importante porque, quando se trata do tema da educação especial, estudiosos só abordam a inclusão, a acessibilidade, a

adaptação aos espaços públicos, o preconceito etc., mas desprezam elementos que, no meu entender, são mais relevantes, como: a Língua Portuguesa e o Código Tátil, a percepção e a apreensão do mundo, as modificações causadas pelo processo de transcodificação textual etc. Penso que o aguçamento da linguagem tátil é mais eficaz e proveitoso do que quaisquer projetos de inclusão e acessibilidade.

Há vinte anos leio em Braille, conheço bem o código tátil, sequer me lembro da época que eu lia em tinta, a maioria das letras do alfabeto do português sumiu de minha memória. Depois deste tempo, não imagino formas visuais, ao me debruçar sobre o processo de leitura, só me vêm às formas táteis, aquilo que já na dissertação chamei de “*braillemas táteis*”. Para terminar, é importante ressaltar que, antes de mergulhar na pesquisa, eu achava que o sistema Braille representava o Código Linguístico, mais tarde, comparando os dois códigos, percebi que tanto o sistema Braille quanto o Código Linguístico procuram registrar os fonemas da língua, sem um se sobrepor ao outro. Como estava acostumado com o discurso de pessoas que me diziam que não havia diferenças entre o Braille e o alfabeto, nunca havia parado para analisar tal visão, porém, após ler alguns teóricos da transcodificação semiótica, vi que o discurso que sustentava essa visão era completamente equivocado, porque a primeira diferença que notei foi a respeito do destino e da finalidade dos dois códigos: um atendia ao sentido da visão, o outro cobria o sentido do tato. Isso

parece obviedade hoje, e não deixa de ser, mas foi um ponto de partida para estabelecer distinções formais e estruturais entre Braille e alfabeto (codificações que representam frestas para o conhecimento do mundo, quer pelos videntes, quer pelos cegos).

**ASEL: O Senhor fez seu doutorado sobre um tema relevante para a cultura cega. O que tem a dizer sobre o assunto?**

Primeira aula  
no colégio  
Estadual  
Profa Adélia  
de França



Como estudara a transcodificação semiótica no mestrado, optei por dar continuidade ao tema da cegueira e o mundo, priorizando um outro aspecto que ainda não havia sido analisado com vagar e atenção nas academias, a referência semiótica. Para tanto,

distingui a referência da referenciação, o referente do objeto de discurso, o signo visual do signo tátil etc., a fim de demonstrar que o mais importante para a apreensão do mundo por parte da pessoa cega é o processo de referenciação, não só a mera referência às coisas e aos seres. Como os estruturalistas primeiros retiraram o referente dos estudos linguísticos, destacando da semiótica toda a contribuição filosófica de Platão, Aristóteles e João de São Tomás, vi-me obrigado a retornar ao signo tripartido (ou triádico), composto de três elementos: o significante, o significado e o referente (pragma ou a coisa à qual Platão se referiu). Embora saiba que Saussure e Hjelmslev sejam autores fundamentais da linguística do século XX, não posso aceitar a língua como sistema, sem realidade sensível. Então, para fundamentar meu trabalho, recorri a estudiosos que de certa forma complementam e/ou divergem do pensamento saussuriano, como A. J. Greimas, F. Rastier, O. Ducrot, L. Mondada, Lyons, Coseriu etc. A partir daí, refletindo sobre os estados de alma aristotélicos, concluí que a língua implica o mundo.

Outra questão significativa para a tese foi a que procurei identificar e descrever a presença da pessoa cega na História e na Literatura, observando sua inserção e inclusão na sociedade. Assim, lendo alguns historiadores e livros de literatura, percebi que, desde Homero, houve e há três tipos de cego: o cego antigo (o cego greco-romano e o cego bíblico); o cego modelar (o cego pertencente à classe dominante) e o cego moderno (o cego que é independente, que é obstinado e que se expressa por meio de um código tátil, distintamente dos outros tipos de cego que usavam o alto-relevo ou outro método de leitura para se comunicar). Li muitos

trabalhos que abordam a história do cego, porém nenhum apresentava uma tipologia que tornasse o cego um sujeito participante do processo histórico, colocando-o à margem das atividades socioculturais, sem atentar ao fato de que ele representava e ainda representa um papel social, como se verifica na vida de Demódoco (personagem da “*Odisseia*”, de Homero) e na vida de Louis Braille (o criador do Código Braille).

Quando comecei a pesquisar os textos de ou sobre cego, achava que havia pouco material para a análise, basicamente só um *corpus* clássico, conhecido de todos da área da linguagem e da semiótica, mas, surpreendentemente, descobri vários contos, romances, poemas, cordéis, crônicas e outros gêneros que tratam da temática da cegueira. Isso tudo me impressionou e me perturbou, pois teria que delimitar um *corpus* básico para analisar mediante a quantidade enorme de informações sobre o cego e sua vida. Entretanto, apesar de o cego estar bem representado, encontrei um número ínfimo de textos escritos por si próprio, o que denota segregação e distinção, historicamente reconhecidas, pelo fato de o vidente usurpar o “lugar de fala” do cego. Embora reconheça que o cego antigo não estivesse capacitado para participar da cultura escrita, pois não possuía um código tátil para se expressar, porém, depois da invenção do cego de Coupvray, não há razão plausível que obste o cego moderno de participar de discussões políticas, educacionais, culturais e de letramento.



Prof. Flaviano, a esposa Josilene Felipe e o filho Arthur

F a l a n d o especificamente do *corpos*, analisei dois contos de Mia Couto, “*O cego Estrelinho*”, em que o autor foca na exposição de um tipo de cego do passado, mas com a diferença de que Estrelinho é mais

imaginoso e criativo que muitos cegos de outrora; e “*O pescador cego*”, em que o autor narra a história de um sujeito que era vidente, mas, devido à fome, retirou seus olhos e os lançou no mar a fim de capturar algum peixe. Embora Maneca Mazembe seja um sujeito obstinado, após sua cegueira, ele passa a se comportar como o cego antigo, sendo guiado e representado com algumas características presentes em Bartimeus, em Torquato, em Pedro Cego etc.

Também escolhi duas cartas escritas por Louis Braille, datadas de Coupvray, 11 de outubro de 1831, e Coupvray, 22 de outubro de 1833, as quais foram enviadas ao senhor Pignier, o diretor da Instituição de Jovens Cegos de Paris. Nestas cartas, procurei analisar



questões de referência e referenciação e a presença do signo tátil na vida de Louis Braille (sujeito que, pelo teor das cartas, convivia harmonicamente com os signos que o rodeavam, ainda que às vezes tentasse encobrir sua solidão, sua enfermidade e frustração por não ver seu código adotado pela Instituição parisiense).

Na tese, discuti outros aspectos que pouco se tinham citado nos trabalhos da educação especial, como signo tátil, referenciação, apreensão tátil, modos de sentir, o problema da espacialidade etc. Para outras informações, leiam minha tese, que se intitula *Literatura de e sobre cego: uma referenciação semiótica*, defendida em 31 de março de 2020.